

Centro Universitário de Brasília - UniCEUB

Faculdade de Ciência da Educação - FACE

Disciplina: Monografia

Prof<sup>a</sup>: Helen Ulhôa

Aluna: Bianca Nunes de Queiroz

## **BRASÍLIA: SUAS IDENTIDADES E REPRESENTAÇÕES**

RA:2006215/0

Monografia apresentada como parte das exigências para  
conclusão do curso de História.

Brasília, junho de 2004

## **SUMÁRIO**

### **Capítulo I**

***Refletindo a História Cultural - Teoria da história***

1 à 5

## **Capítulo II**

*As cidades e as cidades de Brasília*

6 à 11

## **Capítulo III**

*Representações construídas a partir da cidade de Brasília e o seus Mitos fundadores 12 à 21*

## **Capítulo IV**

*As identidades e os “outros” para o brasiliense*  
26

22 à

## **Capítulo V**

*As representações criadas antes e depois da construção*  
34

27 à

## **Capítulo VI**

*Candangos e pioneiros - uma distinção histórica*  
38

35 à

**Conclusão**  
e40

39

**Bibliografia**  
43

41 à

**Fontes**  
44

## **REFLETINDO A HISTÓRIA CULTURAL**

A primeira característica do que hoje se chama de história cultural reside, justamente, na sua rejeição ao conceito de mentalidade considerado excessivamente vago, ambíguo e impreciso quanto às relações entre o mental e o todo social. Os historiadores da cultura não chegam propriamente a negar a relevância dos estudos sobre o mental, a aproximação com a Antropologia, os temas das mentalidades, a valorização do cotidiano e a micro-história desde que feitas conexões entre microrecortes e sociedade global. “É lícito afirmar, portanto, que a história cultural é neste sentido, um outro nome para aquilo que, nos anos 70, era chamado de história das mentalidades”.

Ronaldo Vainfas no livro, “Domínios da História” caracteriza as principais versões da moderna história cultural: a sua preocupação em resgatar o papel das classes sociais, da estratificação, e mesmo do conflito social, características que sem dúvida a distingue da história das mentalidades.

A história Cultural é uma nova forma de trabalhar a história “trata-se, antes de tudo, de pensar a cultura como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo”, pois ela é uma forma de expressão e tradução da realidade que se faz de forma simbólica, ou seja, atribui os sentidos às palavras, às coisas. Como este processo de significação é constantemente revisto, adaptado e recriado em consonância com novas necessidades, pensar a cultura implica em ampliar os horizontes da pesquisa e englobar elementos não priorizados por uma análise tradicional.

Utilizar os referenciais da História Cultural permite-nos uma outra abordagem, que valoriza o cotidiano e o concebe dinâmico e vivo. Faz-nos perceber a cultura compondo-se nas interseções das representações com as identidades e as produções de sentidos da vida humana. “Abandonaríamos assim uma história dos nomes próprios e dos meses do ano, e com isso, o tempo como produto destes indivíduos tornando e enriquecendo o cotidiano, fundador das marcas identitárias que dão sentido à vida em sociedade”. Percebe-se assim, um imaginário a partir de pessoas comuns em seu tempo e com isso realça o valor da memória, da experiência de quem viveu e tem histórias a contar, ganhando assim um espaço nos anais da história.

Escrever uma história de Brasília de uma outra forma, começando pela base, o povo, os candangos, as mulheres, a pobreza, mas alcançando também os outros que

idealizaram Brasília e seus nomes constam na história oficial da cidade. Exemplo destes, é o arquiteto Oscar Niemeyer, criador e símbolo dos monumentos arquitetônicos, e o Presidente Juscelino Kubitschek, político, responsável pela construção de representações sobre a cidade de tantas expectativas e sonhos de um Brasil melhor.

Pode-se dizer que a proposta da História Cultural seria, pois decifrar a realidade do passado por meio das suas representações pois estas trouxeram para o campo da história a questão do indivíduo e da subjetividade, valorizando muito mais a biografia de gente simples, de gente do povo, dos subalternos. Assim pode-se, obter uma nova perspectiva da história, utilizando uma metodologia diferente.

A História Cultural compõem-se de uma história social renovada: na qual o povo surge como detentor de uma expressão cultural dita popular na qual podem ser surpreendidos os sentimentos, as sensações, os valores. Estas condições são muito importante para o historiador pois desenvolvem a subjetividade em suas preocupações e considera as relações sociais mais do que imposições e coerções simplesmente fundadoras de trocas e negociações entre o dominado e o dominador.

De acordo com o autor Roger Chartier, “a História Cultural tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída e pensada. As representações do mundo social, assim construídas, embora apresentem a universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de um grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de *quem os utiliza*”<sup>4</sup>.

Essa forma de trabalhar abre-nos novos caminhos para descoberta de documentações, objetos e abordagens de estudo, até então não visualizada pela história. Por exemplo o uso das imagens como um outro campo de pesquisa. Imagens, sejam gráficas ou pictóricas, são representações do mundo elaboradas para serem vistas. Por longo tempo, as imagens foram utilizadas pelos historiadores como ilustração de algo, como paisagem ou retrato que enquadrava um fato ou personagem.

As imagens estabelecem uma mediação entre o mundo do espectador e do produtor, possui uma função simbólica de dar acesso ao significado, e uma estética, de produzir sensações e emoções no espectador. “Mas se esse espectador é um

historiador, ele deve ter uma pergunta a fazer para essa imagem, e vai toma-la como traço ou fonte que se coloca no lugar do passado a que se almeja chegar. A partir desse momento, a imagem, enquanto registro de algo no tempo, é testemunha da época”.

Existem muitas correntes trabalhadas pela história Cultural que se transformam em tendências amplas de pesquisa que se traduzem em campos temáticos, em torno dos quais se agregam os trabalhos de investigação. O tema aqui proposto é a noção de cidade. De acordo com os referenciais teóricos da História cultural implica em utilizar o imaginário urbano presente nas representações contidas em discursos e imagens produzidos por determinados atores e que incidem sobre alguns espaços e práticas sociais.

A História Cultural vem nos trazer outras formas de observação e análise: ***Começaremos a estudar[...]as representações que se constroem na cidade e sobre a cidade”***. Perceber os ritmos da mesma construídos pelos seus moradores, no qual, interagem diferentemente nos espaços urbanos assumindo papéis sociais que nos cria a oportunidade de interpretar a cidade como lócus da cultura humana.

Outro elemento de abordagem da História Cultural são as representações sociais que fazemos da realidade. As nossas versões e criação que fazemos de um momento vivido ou mesmo do nosso cotidiano. Segundo a autora Nara Maria no livro *Cultura e Identidade: perspectivas interdisciplinares*, “toda representação social é construída através de um processo de seleção e esquematização, de modo que, nesse sentido, é um reducionismo. Por outro lado, entretanto”, é impossível atingir um real social anterior à simbolização”(Ricoeur, 1977), isto é, a realidade não pode ser tomada em si mesma para ser concebida, devendo necessariamente passar pelas idéias, referências culturais, representações sociais”. Assim sendo, não existe uma verdade absoluta da realidade, pois depende de uma estrutura social, de um sistema de símbolos construídos historicamente.

As representações nesse trabalho vão ser de fundamental importância pois é a partir destas construções da realidade é que vamos comparar as motivações dos imigrantes(candangos e pioneiros) ao virem no período da construção de Brasília e depois da construção. Buscaremos perceber também através das músicas de bandas de jovens brasilienses (Legião Urbana e Plebe Rude) as construções feitas à partir da

realidade em que vivem na capital do país.

A identidade que nos interessa é vista aqui como um construto do indivíduo através das representações sociais. Este elemento é construído culturalmente, somos quem somos a partir de referenciais que absorvemos do meio no qual estamos inseridos. Construimos nossa identidade a partir de tal absorção e do confronto desta com o “o outro”. Aqui notamos que a existência da diferença é elemento inseparável da constituição de identidades e do seu entendimento.

A identidade é a percepção do que somos, o campo onde nos reconhecemos, a partir do que não somos, daquilo que não condiz com nossos referenciais. Por ser cultural, não é a identidade um elemento “natural” ou “essencial” encontrado ou disponível na natureza. Ela é composta por sistemas de significação, é ligada intimamente a sistemas de representação, consistindo, por fim, num campo propício a disputas em torno do poder, relações sociais são por ela determinados.

Como aborda Tomás Tadeu da Silva, as variadas identidades que resultam numa diversidade cultural ampla, precisam ser entendidas como algo além da tolerância e respeito, elas são construídas, envolvem questões de poder e precisam ser interrogados, questionados afim de uma aceitação melhor da questão do “outro” na nossa sociedade. Pois a identidade é algo móvel, possível de transformações e jamais absolutas ou acabadas, faz ela parte de um processo vivo em constante mutação.

Portanto a noção de identidade, representação social e cidades são elementos essenciais para compreender o espaço social de Brasília antes e após a construção. Perceber as representações feitas pelos integrantes deste cenário: candangos, pioneiros e jovens brasilienses a fim de construir uma das identidades brasilienses. Reinterpretar através de depoimentos as circunstâncias dos imigrantes ao virem para uma cidade em construção com péssimas condições de sobrevivência e investigar assim, quais são suas marcas identitárias e suas representações sociais sobre Brasília. Quais serão os símbolos que nos remetem à Brasília, a arquitetura, os monumentos, os diversos regionalismos? Será que Brasília nos apresenta como uma cidade qualquer? Haverá um processo histórico em comum entre os que chegaram e os que aqui nasceram a ponto de deixar suas marcas identitárias?





## **AS CIDADES E A CIDADE DE BRASÍLIA**

*“A cidade é redundante: repete-se para fixar alguma imagem na mente”.*

No livro, História e história Cultural da autora Sandra Jatahi Pesavento observamos um dos campos privilegiados por ela que é a cidade. Para essa linha histórica “ela não é mais considerada só como *lócus*, seja da realização da produção ou da ação social, mas sobretudo como um problema e um objeto de reflexão”.

Segundo ela, este tema foi muito explorado em termos econômicos-sociais, visto também sob uma perspectiva quantitativa e evolutiva, “abordagem esta sem qualquer outro compromisso teórico maior, empenhada na descrição da história de uma cidade, retrazando a sua evolução, arrolando dados, nomes, retrazando seu crescimento e sua evolução urbanística”. Sob esta ótica temos apenas informações que não proporcionam maiores reflexões sobre o fenômeno da urbanização em si. Por outro lado, a concepção marxista percebe a cidade como *lócus* da acumulação de capital como o principal centro de transformação capitalista, deixando também de refletir sobre ela.

Há também outras formas de se olhar e estudar a cidade. Este espaço pode ser visto como um campo de pesquisa e discussão interdisciplinar, na qual trabalham de diferentes formas os geógrafos, sociólogos, economistas, urbanistas, antropólogos que possuem entre si uma questão em comum: a cidade.

De acordo com Bárbara Freitag em “Cidade dos Homens” as palavras cidade, cidadão, cidadania tem o mesmo radical latino *civitas*, significando o lugar em que os homens vivem em conglomerados urbanos, tendo certos direitos e deveres mutuamente respeitados. Por esta concepção, para analisar uma noção de cidade temos então que discutir o indivíduo e sua cidadania, ou seja, a sua capacidade de intervir no Estado e por outro lado o poder de exigir o respeito e a plena concretização dos direitos individuais. Mas a autora salienta uma outra questão importante: estes conceitos nem sempre foram aceitos em outras culturas, e que a vida urbana nem sempre desempenhou ou desempenha papel ou preenche as funções que valorizamos hoje. Estes, conceitos, então, dados à cidade e ao cidadão são extremamente atuais e vistos hoje como uma concepção de Estado moderno.

A história cultural urbana nos mostra que a cidade ao longo dos tempos foi pensada e classificada de acordo com um arquétipo de boa ou de má cidade. “Pensadores como Voltaire identificam a cidade como centro de difusão da cultura, núcleo difusor da novidade e do bem estar da vida”. “Já Engels tinha uma visão negativa ao relatar Londres no momento da revolução industrial: de cidade maldita, cidade-pecado, ela é reduto do vício, do perigo, do enfrentamento social, ao expor a miséria e a degradação humana”.

Raquel Rolniks, urbanista e arquiteta, em seu livro “O que é cidade”, destaca que cidade significa, ao mesmo tempo organizar o território e uma relação política onde tenha participação pública, mesmo que seja controlado por regras e regulamentos. “Observa-se que, na Idade Média a cidade era ocupada e transformada pelos moradores sem qualquer prévia demarcação de lotes ou desenhos de ruas”, diferente de hoje, que os territórios são diferenciados. Para ela hoje, é como se a cidade fosse um imenso quebra-cabeças, feito de peças diferenciadas onde cada qual conhece seu lugar e se sente um estrangeiro nos demais espaços.

Quando a autora remete-se aos dias atuais leva-nos a lembrar as cidades “modernistas”, projetadas e previamente demarcadas, divididas e setorizadas. Podemos perceber este modernismo também como forma de representação, pois introduz uma série de apreciações. Ela traz uma série de sentidos de cidade moderna como metrópole exportável, centro capitalista. “Por exemplo, a transformação da cidade desencadeia uma luta de representações entre o progresso e a tradição: uma cidade moderna é aquela que destrói para construir, arrasando para embelezar, realizando cirurgias urbanas para redesenhar o espaço em função da técnica, da higiene, da estética”. Estas questões despertam uma outra discussão: devemos preservar, em termos de espaço construído o que vem a fazer parte da memória como marco de reconhecimento coletivo, segundo Rolniks.

O conceito de cidade se diferencia em diversas áreas de conhecimentos e pensadores. Max Weber, na sociologia, vai desenvolver sobre este assunto na sua *tipologia das cidades*. Diz que, no decorrer do desenvolvimento das cidades européias, umas e outras se especializaram em certas funções desenvolvendo uma espécie de divisão de trabalho entre si. Certas cidades viraram verdadeiras, *cidades do Príncipe*, como a cidade de Potsdam que sediou a morada dos príncipes e reis de

Weimar.

Weber ainda assinala a existência de cidades- fortalezas, concebidas para abrigar soldados, regimentos inteiros. É o caso de Theresienstadt, cidade próxima de Praga que abrigou as tropas austríacas nas múltiplas guerras travadas entre Maria Theresa e Frederico II. Durante o nazismo também foi transformada em campo de concentração. Outras cidades tornaram-se grandes mercados para comercialização de mercadorias, daí as cidades comerciais como Frankfurt. Outras tornaram-se grandes portos de exportação e importação como cidades de Hamburgo, Países Baixos, que Weber vai chamar de cidades portuárias. Com o advento da manufatura e da indústria, certas cidades, passaram a ser verdadeiras cidades industriais ou manufatureiras, centros de produção de mercadorias, como foi o caso de Londres.

Aproveitando esta tipologia de Weber, acredito que poderíamos caracterizar Brasília como uma daquelas cidades criadas para serem moradas dos príncipes que posteriormente passaram a ser chamadas de cidades “sede de governo”. Brasília foi estrategicamente planejada não só no sentido de sua arquitetura como também com relação ao local escolhido para sua construção: o Planalto central lugar demarcado para desempenhar estas funções. O historiador José Adirson Vasconcelos no livro “Um castelo no Cerrado. Histórias de moradores e artistas da SQN 312” explicita bem o caso de Brasília: “... a decisão dos militares tinha muito de estratégica. Eles não queriam mais uma capital à beira-mar, susceptível de ser bombardeada a partir de navios. E no Rio, sempre havia muito tumulto”.

Bárbara Freitag lembra uma citação de Lúcio Costa tirada do livro Registro de uma Vivência, que define cidade como sendo “a expressão palpável da necessidade humana de contato, comunicação, organização e troca - numa determinada circunstância físico-social e num contexto histórico”. Ao planejar Brasília, ele devia ter em mente estes conceitos e deve ter procurado utilizá-los como diretrizes para construção.

É preciso salientar neste trabalho o recorte a ser pesquisado na cidade de Brasília. Pretendemos eleger como objeto de estudo, o Plano Piloto e suas características de cidade, urbanização e suas influências modernistas.

James Holston parte de duas premissas pelas quais podemos analisar o urbanismo sob o aspecto de organização da sociedade e até que ponto os valores de um projeto tornam-se reais:

“a forma e a organização urbana são consideradas como instrumento de mudança social. A primeira parte, da qual, o plano para a nova cidade pode criar uma nova ordem social; ou seja, nos mesmos valores que inspiraram o projeto. A segunda projeta a primeira como um plano de mudança no contexto do desenvolvimento nacional. Propõe que a nova cidade venha a ser um modelo de práticas sociais radicalmente diferentes”<sup>16</sup>.

As duas premissas expostas por Holston são baseadas no projeto modernista de conotação européia - francesa, da qual se originou grande parte das inspirações de Lúcio Costa e Niemeyer ao planejar o Plano Piloto. Intenções que configuravam a relação de um projeto socialmente organizado à arquitetura da cidade. Idealizavam os valores do projeto e sua realização como mudança no contexto social do país. Pretendiam que Brasília fosse um modelo para outras cidades do Brasil.

Será que Brasília vai se transformar neste modelo de cidade? Quais serão os reflexos das representações feitas por Niemeyer, Lúcio Costa, candangos, pioneiros e brasilienses, anos depois da construção, em que Brasília já era uma cidade? Esses são elementos que pretendemos pesquisar através dos discursos proferidos pelos referidos personagens moradores de Brasília.

No filme “Contrerrâneos Velhos de Guerra” de Vladimir Carvalho<sup>17</sup> em uma entrevista com Niemeyer percebe-se sua posição comunista ao preconizar a situação de igualdade onde operários, médicos, engenheiros dividiam o mesmo espaço social. Por isso, o fato de Brasília ter mais prédio do que casa era exatamente para que fossem padronizadas as áreas residenciais.

Já Lúcio Costa, apesar das tentativas de amenizar essa segregação - como, por exemplo, a idealização das quadras 400 - levou em conta o fator econômico para que outras classes pudessem compartilhar do Plano Piloto da cidade, porém o que se institucionalizou desde o início da construção de Brasília foi a manutenção da classe média no Plano Piloto e a expulsão das classes populares para longe do centro<sup>18</sup>, tornando-se contraditórias as premissas de Holston relativas à organização urbana como instrumento de mudança social e suas práticas.

Até mesmo a Cidade livre, hoje reconhecida como Núcleo Bandeirante sofreu modificações do governo local para se “adaptar” ao espaço atual. O setor de mansões Park Way, encostado no Núcleo Bandeirante, representou nada menos que uma tentativa de impedir o crescimento dessa cidade na forma de uma favela ou de um

subúrbio descontrolado. O Park Way materializou-se, assim, no espaço físico como mais um local vendido à classe média<sup>19</sup>.

Nesse momento os arquitetos brasileiros encarregados da construção de Brasília sofreram grande influência da arquitetura soviética, sobretudo da vanguarda soviética como a Associação de Arquitetos Contemporâneos(OA) da década de 1920 e 1930 e o da era pós - stalinista “funcionalismo moderno”.

Partindo de conceitos de cidades em diferentes autores, podemos perceber Brasília como cidade e suas características como tal. Proponho um olhar mais diversificado sobre as cidades e percebê-las não só como um espaço de aglomeração humana mas como um espaço de atuação em que os atores sociais desempenham seus diferentes papéis através de suas representações sociais.

Weber em sua tipologia das cidades classifica as mesmas de acordo com as suas funções e analisa seus serviços, ou seja, atribui a elas uma representação e uma identidade. Dessa forma, facilita perceber Brasília com suas funções, um espaço de poder e administração. Portanto, analisar a cidade como um elemento da História Cultural é percebê-la não só nas suas funções mas no papel social de grupos, seus aspectos culturais, ritos e seu universo simbólico.

Perceber as contradições das intenções humanistas( de acordo com as permissas de Holston) de Niemeyer e Lúcio Costa e a realidade, de fato, da cidade e de seus novos moradores feitas em dois momentos: antes da construção com os candangos e pioneiros e depois da construção com os jovens brasileiros . Pesquisar as representações feitas, naquele momento, como a construção de monumentos transformando Brasília numa cidade-símbolo, de poder, da esperança e das oportunidades e as posteriores de configuração diferente de conotação mais negativa.

## **AS REPRESENTAÇÕES CONSTRUÍDAS A PARTIR DA CIDADE DE BRASÍLIA.**

### **Identidades e mitos de Representações**

O objetivo deste estudo é perceber as suas representações feitas antes da construção de Brasília constantes em seu projeto e alguns depoimentos orais ou documentos públicos sobre imigrantes (candangos e pioneiros) feitos à época, e as representações daqueles que aqui vivem. E buscar em seus mitos fundadores as marcas identitárias da cidade a fim de deixar vivo na memória da população as suas origens que segundo Stuart Hall se localiza “num passado tão distante que se perdem nas brumas do tempo, não do tempo real mas do tempo mítico”<sup>20</sup>.

### **OS MITOS DE FUNDAÇÃO**

A mitologia imanente de Brasília insere-se na produção em série de Eldorados, tão peculiar à história do Brasil.<sup>21</sup>

Durante a história do Brasil podemos perceber a constante insistência de se construir e forçar mitos fundadores, a fim de se construir uma identidade do país e do povo. Aprendemos que recebemos “um dom de Deus e da Natureza” porque nossa terra desconhece catástrofes naturais (ciclones, furacões, vulcões, desertos, nevascas, terremotos) e que aqui, “em se plantando tudo dá”. No livro, *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária*, Marilena Chauí explica através do mito fundador e seu conceito, como a imagem do Brasil vai sendo construída, como também suas identidades e representações.

Mito não só no sentido etimológico de sua origem grega, como também antropológico, como “solução imaginária para tensões, conflitos e contradições que não encontram caminhos para serem resolvidos no nível da realidade”<sup>22</sup>. É perceptível no caso de Brasília a utilização do mito não só para influenciar a migração em Goiás, de acordo com Lassance<sup>23</sup>, como também para criar uma integração brasileira em torno da cidade que representasse a esperança de um Brasil de novas oportunidades, contrastando com a seca do Nordeste, motivando grande parte dos trabalhadores para futura capital, no final da década de 1950.

Segundo Chauí,

“Fundador é porque à maneira de toda *fundatio*, esse mito impõe um vínculo interno com o passado como origem, isto é, com um passado que não cessa nunca, que se conserva perenemente presente e, por isso, não permite o trabalho da diferença temporal da compreensão do presente”<sup>24</sup>

Para isto são construídos monumentos, os quais nos deixam como que paralelos no tempo, pois fazem-se presentes de alguma forma e nos conduzem ao início dos anos sessenta a lembrar de sujeitos históricos determinados. Um exemplo disto é o memorial JK que se encontra no eixo monumental, uma das vias principais em Brasília.

Quando os historiadores se remetem à formação, referem-se não só às determinações econômicas, sociais e políticas que produzem um acontecimento histórico, mas também pensam em transformação e, portanto, na continuidade ou na descontinuidade dos acontecimentos temporais. Com relação à fundação, entretanto, de acordo com Chauí :

“a fundação já se refere a um momento passado imaginário, tido como instante originário que se mantém vivo e presente no curso do tempo, isto é, a fundação visa a algo tido como *perene* (quase eterno) que traveja e sustenta o curso temporal e lhe dá sentido. A fundação pode situar-se além do tempo, fora da história, num presente que não cessa nunca, sob a multiplicidade de formas ou aspectos que pode tomar”<sup>25</sup>.

Chauí se refere à fundação como mito:

“A marca peculiar da fundação é a maneira como ela põe a transcendência e a imanência do momento fundador: a fundação aparece como emanando da sociedade e simultaneamente, originando essa própria sociedade da qual ela emana.”<sup>26</sup>.

Percebe-se nos conceitos de Chauí sobre *formação* e *fundação* a questão da temporalidade. A *formação* é a história propriamente dita, percebida, então, como processos temporais, diferente da fundação, a qual se situa numa lógica atemporal, que nos faz remeter à arquitetura moderna de Brasília, marca identitária da cidade, elemento pelo qual até hoje se faz presente. Tanto sua arquitetura, quanto seu planejamento urbano dão à Brasília um caráter singular, pois difere de outras cidades do Brasil, reforçando-nos o mito fundador de Brasília: a cidade modernista.

Holston vai salientar a tese sobre mitos fundadores com posições bem críticas, pois, para o mesmo, a procura por origens é em geral um modo ilícito de justificação e com frequência é um mecanismo de manipulação e reordenação da história, de modo a buscar respaldo para propósitos atuais. O autor busca na carta da

fundação da cidade a versão de Lúcio Costa a respeito das origens de Brasília e critica a mesma porque segundo ele “justificar o plano da cidade como um meio de transformação radical da sociedade apresenta a fundação de Brasília como se esta não tivesse história, como se não fosse uma resposta às condições sócio-econômicas do Brasil em 1957”<sup>27</sup>. O autor quer dizer que Lúcio Costa justifica os princípios arquitetônicos universalizantes e oculta as intenções de mudança social deshistorizando o momento em que o Brasil está passando de crise governamental de Juscelino Kubtschek. Afirma ser esta uma das construções mitológicas sobre Brasília.

Podemos perceber esses mitos serem ressuscitados no aniversário de Brasília, dia 21 de abril, levantados tanto pelos meios de comunicações( jornais da cidade, emissoras de televisão, *outdoors*) como iniciativas por parte do governo local, afim de trazer a tona as histórias que ensejaram Brasília antes e durante a construção. Datas como essa criam oportunidade de reviver mitos, de trazer novamente à população expectativas que vão morrendo com a realidade vivida. Sentimentos estes vividos no início de Brasília e que são reforçados até hoje e nos remetem ao conceito de mito fundador de Chauí.

A existência no início da construção de um sentimento de estar numa cidade do futuro, cidade da esperança, das oportunidades existiu de fato não só nos discursos de quem estava aqui como também criações políticas para atrair pessoas e assim tornar discursos em mitos. Na época da construção muitos que vieram pra cá tinham essa idéia fixa na mente de uma vida melhor. Chegavam e na mesma hora já estavam empregados, como podemos ver no discurso do fotógrafo Raymod Frejmund que chegou durante a construção:

*“Não havia roubos, podia-se ficar a vontade. Todos davam carona uns para os outros”*.<sup>28</sup>

Através dos depoimentos de quem veio na época da construção um real entusiasmo de se fazer a capital e daqui tirar benefícios para si e sua família. Dona Philomena Mazzola que veio no ano da inauguração também expressa bem esse momento: “Gente de todo lugar, parecia que estava em outro lugar, gente estranha mas tudo muito amiga. Apelidavam Brasília de cantinho do céu.”<sup>29</sup>

Ao virem para Brasília percebe-se entre os imigrantes um comum sentimento de aventureiros<sup>30</sup>. Ao terem a iniciativa de ir morar numa cidade, em meio ao cerrado pouco explorado, ainda em construção e com péssimas condições de



sobrevivência, cujos produtos de necessidades básicas vinham de outros lugares, há de se reconhecer um elemento desbravador muito característico em nossa história, conforme podemos ver em *Raízes do Brasil* de Sérgio Buarque de Holanda. Em depoimentos, como o de José Ferrereira, mineiro natural de Bonfim, conta as circunstâncias de como veio para Brasília em 1959: *(...)Aí eu peguei uns paninhos que tinha, travesseiro e viemos embora (...) E pegamos o (incomp.) e viemos embora pra aqui*<sup>31</sup>.

O tipo aventureiro de Sérgio Buarque é caracterizado desde as sociedades rudimentares manifestam-se eles, “segundo sua predominância, na distinção fundamental entre os povos caçadores ou coletores e os povos lavradores. Para uns, o objeto final, a mira de todo esforço, o ponto de chegada, assume relevância tão capital, que chega a dispensar, por secundários, quase supérfluos, todos os processos intermediários. Seu ideal será colher o fruto sem plantar a árvore. Este tipo humano ignora fronteiras. No mundo tudo se apresenta a ele em generosa amplitude e, onde quer que se erija um obstáculo a seus propósitos ambiciosos, sabe transformar esse obstáculo em trampolim. Vive dos espaços ilimitados, dos projetos vastos, dos horizontes distantes”<sup>32</sup>.

Devido a fato deste trabalho basear-se em conceitos de identidade não podemos ver a ética do aventureiro somente sob um único viés, um referencial, pois os imigrantes vieram sim, tentar a vida na sorte mas sempre em busca de um trabalho. Saíam de suas cidades sem a certeza de qualquer estabilidade ou dificuldades que encontrariam, mas muitos sabiam o queriam: um serviço, uma morada, uma vida melhor.

Portanto não podemos afirmar que permeava somente o sentimento aventureiro porque ao virem para Brasília buscavam trabalho, estabilidade, ou seja, tinham um projeto a longo prazo também. No depoimento de José Cosme da Silva vindo de Pernambuco no ano de 1957, feito pela entrevistadora Marli Gomes cedido pelo Arquivo Público, podemos analisar o aspecto tanto do aventureiro como trabalhador em busca de uma vida melhor:

(...) quando eu me entendi de rapazinho aí eu não tinha estudo assim, mas eu pensei assim, eu conheci meus avós de um lado e meus avós do outro, de um lado eu dizia: "Puxa! Meus avós estão velho e vão morrer pobre. Meu pai vai morrer pobre porque o lugar não tem condições." Aí eu pensei então: “Eu vou sair, eu vou embora, vou pro Sul.” Mas não tinha, naquela época eu não tinha situação financeira pra vir embora pro Sul. Eu vim num caminhão vendido, caminhão

[que] trazia aqueles pessoal lá pro Triângulo Mineiro. E a gente chega lá, trabalhava pro fazendeiro... Não, aliás o (incomp.) dono do caminhão trazia os pessoal lá pro Triângulo Mineiro. O fazendeiro pagava a passagem pro pessoal que vinha e agora eles ia trabalhar pro fazendeiro até pagar a passagem. Foi nesse caso que eu vim pro Sul.

(MG) - Sem saber o que que ia fazer...

(JS) - Não, eu sabia que eu ia trabalhar, pelo menos é o seguinte, porque jovem mas por trabalhar na... pelo menos o lugar pra gente, tinha comida, tinha desenvolvimento porque era diferente do Norte. O Sul sempre foi diferente do Norte.

No caso de Seu Élio Moulin e sua mulher Regina Maria que chegaram no ano de 1960, em depoimento no caderno Pioneiro do Correio Brasiliense. Conta que tudo começou quando os dois passam em frente a uma vitrine e avistaram as plantas arquitetônicas que concorriam ao projeto de Brasília: “isto despertou nossa curiosidade, nos apaixonamos por toda aquela região” (...) a decisão de se aventurar no Planalto estava tomada”<sup>33</sup>.

Também, podemos perceber as representações construídas sobre Brasília através do depoimento do baiano Virgínio, que chegou no Plano Piloto com dezesseis anos no ano de 1975. *“Brasília, então, é sua arquitetura. É a essência dela, uma cidade construída no planalto Central do Brasil. Lugar que representa a Unidade Nacional, mas que também deseja olhar para o futuro, legitimando o “progressismo” do modernismo francês”*.<sup>34</sup>

Uma das representações construída por Virgínio sobre Brasília é de uma cidade de arquitetura moderna e integração nacional. Lugar de encontro de brasileiros de diversas regiões. Neste sentido as representações criadas foram interiorizadas e estão presentes na fala de Virgílio como também podemos ver em depoimentos do pioneiro Nicolau Neto Godói, vindo em 1957, que instalou a primeira indústria de eletrônicas na capital: “como Brasília reunia gente de todas as cidades, ajustávamos a frequência dos rádios para pegar estações de todos os lugares...”<sup>35</sup>. cria-se assim marcas identitárias à cidade de Brasília ao ver pessoas de diferentes lugares morando em um só espaço. Percepções que se tornam mais uma das “apreensões do real”, de acordo com Chartier, da capital recém construída.

Então, para isto, é muito importante que tomemos o conceito de representação de Chartier, para quem um dos caminhos para delimitar e organizar a forma pelo qual

analisamos as representações são as “classificações, divisões que organizam a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e de apreciação do real. Variáveis consoante as classes sociais ou os meios intelectuais, são produzidas pelas disposições estáveis e partilhadas, próprias do grupo. São estes esquemas intelectuais incorporados que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado”<sup>36</sup>.

Para o autor Thomáz Tadeu da Silva, “a representação é concebida como um sistema de significação. A representação expressa-se por meio de uma pintura, de uma fotografia, de um filme, de um texto, de uma expressão oral. A representação não é, nessa concepção, nunca, representação mental ou interior. A representação é, aqui, sempre marca ou traço visível, exterior”<sup>37</sup>. O conceito de identidade para o mesmo, “não é uma essência; não é um dado ou um fato - seja de natureza, seja de cultura. A identidade não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. A identidade tampouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental.

Podemos perceber marcas identitárias nos discursos daqueles que remetemos aos aventureiros de Sérgio Buarque pois ao relatar que vinham mesmo de qualquer jeito à uma cidade sem infra-estrutura e com a incerteza de que o projeto para capital podia não dar certo, ao mesmo tempo, almejavam também a busca de um trabalho e de uma vida melhor, combinando elementos de aventura e trabalho, o que possibilita-nos perceber a identidade como algo não fixa e estável nos imigrantes. Também vamos poder identificar as marcas identitárias ao longo do processo histórico de Brasília no período, antes e depois da construção. Salientar as diferenças criadas entre os pioneiros e candangos analisando as transformações da identidade como suas diferenças de classes sociais, a cidade imaginada para cada um e os frutos colhidos após a construção

Por outro lado, podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. A identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas. A identidade está ligada a sistemas de representação. A identidade tem estreitas conexões com relações de poder”<sup>39</sup>. Em Brasília vamos perceber através dos discursos, a identidade dos primeiros que vieram até aos anos oitenta com os jovens naturalizados, filhos de pioneiros e candangos, em constante transformação. Tanto no início com um clima de otimismo para uns e negativa para outros, construindo nesse momento diversas Brasília. E depois, a

cidade para muitos não vai atingir as expectativas sonhadas e outros grupos tomados pelo tédio e decepção como vamos ver nas músicas de jovens de Brasília abaixo ilustradas.

Podemos perceber através do depoimento do Seu Gabriel, morador da Vila Planalto, as relações de poder e suas conexões com a memória registrada de candangos e pioneiros. As marcas identitárias deixada pelos operários, das quais não foram valorizadas na história oficial da cidade. Período este, (início de Brasília, final da década de 1950) em que todos exerciam um certo grau de importância na construção da cidade mas o reconhecimento de seus esforços na memória da cidade não foi representada da mesma forma como foi para os pioneiros. Representação esta, que vamos observar no caderno Pioneiros no próximo capítulo desta monografia.

“Naquela época, engenheiros, operários, de um modo geral, tudo era uma coisa só. Tudo era uma peça dessa grande engrenagem da construção de Brasília. Quer dizer, sem uma peça dessas não funcionava. Acho justo que fosse preservada a memória dos pequenos também. Porque só pegam por cima, não tem sentido”<sup>40</sup>.

Inicialmente para perceber as representações e identidades construídas de uma cidade, podemos recorrer a seus mitos de fundação, pois, são a estes, que a história oficial vai recorrer para montar seu passado heróico e conseqüentemente construir seus símbolos de legitimação, o porquê da cidade à população. Portanto recorrer a estes mitos é fundamental para o nosso estudo de representações e identidades da cidade de Brasília.

A autora Sandra Pesavento vai salientar que: “A cidade que passa por transformações se apressa em registrar a memória e o conhecimento daquilo que foi um dia: assim é que se elaboram os mitos das origens se recolhem as lendas, se constrói uma história da cidade”<sup>41</sup>.

Os mitos de fundação de Brasília, seus discursos, suas representações revelam marcas identitárias em seu processo de construção?

Um destes mitos que podemos reconstruir é o sonho visão de São João Bosco, educador italiano católico que em 1883 teve uma visão profética.

“... Entre os graus 15 e 20, aí havia uma enseada bastante extensa e bastante larga, que partia de um ponto onde se formava um lago. Nesse momento disse uma voz repetidamente: Quando se vierem a escavar as escondidas em meio a estes montes, aparecerá aqui a Terra Prometida, onde correrá leite e mel. Será uma riqueza inconcebível”<sup>42</sup>.

O sonho de João Bosco foi interpretado como uma profecia de que Brasília tinha um destino a cumprir e que era predestinada a ser o presente divino para os seus filhos durante a construção, muitas pessoas acreditavam que este local fosse um lugar protegido de catástrofes naturais como a inundação do litoral e só quem estaria salvo seria a população do Planalto Central, localizado em uma altura tal que ficaria a salvo do novo dilúvio. O mito de João Bosco, segundo Lassance foi também usado como forma de manipulação. Segundo ele : “A inclusão do sonho de D. Bosco nos antecedentes da mudança da capital é parte de uma estratégia goiana para impulsionar o processo de mudança da capital efetivamente para o local estabelecido<sup>43</sup>”.

Ao analisar o exposto acima, a representação construída, foi de acordo com Lassance, direcionada por interesses na ocupação da região do Goiás que era há muito esquecida. A veiculação do mito, porém elimina os elementos práticos e desloca a atenção para o sentido profético, criando os significados almejados que serão então incorporados como verdades pelas pessoas, vindo a ser mais uma das representações de Brasília: o elemento mítico.

A representação mitológica de Novo Mundo complementa as representações criadas na fundação de Brasília como instrumento de desenvolvimento da região do Planalto Central, pois ao enaltece-la vai favorecer a um enorme contingente de pessoas mudarem para Brasília em busca tanto de elementos materiais como elementos místicos, o qual vai se fazer tão presente na capital.

O misticismo é um dos elementos que compõem as marcas identitárias de Brasília, pois vamos encontrar uma pluralidade de religiões de diferentes origens convivendo em um mesmo espaço do Plano Piloto. Conferindo a nova capital características ecumênicas onde o Templo da Boa Vontade se encontra ao lado de um terreiro de umbanda, que por sua vez está ao lado de uma igreja católica e um centro espírita. Muita gente vai vir não só para Brasília como para região do Planalto Central, atrás de um discurso que descreve o local como sendo energizado, localizado no paralelo 14, com uma intensa presença de cristais. Tal discurso faz da região um ambiente propício para permanência de místicos das mais diversas correntes.

Portanto, elementos como mitos e a mística da cidade de Brasília, é de fundamental importância entender a diferença que os compõem, pelo fato de tais conceitos se confundirem entre o senso comum. A palavra misticismo,

“se origina do verbo grego *myo*, que pode ser traduzido por “fechar a boca”. Aí também se localiza a origem da palavra mistério, significando, em ambos os casos, algo que se percebe íntima e

profundamente, mas que não se pode falar. A realidade é, por definição, transcendente e oculta. O misticismo nasce do esforço que a pessoa faz para alcançar, numa visão única, uma realidade divina e absoluta. Envolve um conjunto de disposições (afetivas, intelectuais e morais), cuja meta final é a comunhão com o Todo-Poderoso. Implica em um esforço especulativo para se obter uma visão compreensiva de tudo em Deus, o qual deixa de ser um objeto e se torna uma experiência”<sup>44</sup>.

Mito é, por conseguinte, “a *parole*, a palavra ‘revelada’, o dito”<sup>45</sup>. E, desse modo, se

“o mito pode se exprimir ao nível da linguagem, ele é, antes de tudo, uma palavra que circunscreve e fixa um acontecimento. O conceito de Mito já podemos tomar como um relato de uma história verdadeira, ocorrida nos tempos dos princípios, como também a narrativa de uma criação conta de que modo algo, que não era, começou a ser”<sup>46</sup>.

O que nos remete a uma noção histórica, pois busca a origem, a criação de uma determinada sociedade. Propõe uma explicação do mundo no qual é transmitida através de várias gerações, que configura-se como uma representação coletiva. Diferente do místico como foi dito acima, que nos dá idéia de divino, um sentido religioso, por meio do qual, compreende uma ordem natural e sagrada da realidade.

## **AS IDENTIDADES E OS “OUTROS” PARA O BRASILIENSE**

E AÍ...

Aos poucos brotam vida urbana,  
Serviços, festas, casos, polícia, amores, tragédia, luta,  
busca permanente da cidade  
que se construía - tatuagem  
de asfalto no cerrado -  
um dia mato, outro maquete  
um dia dor, outro euforia, um dia farpa, outro folia

AGORA...

em filhas cidades da mesma  
primeira Brasília  
deixando margem e periferia  
renasce a identidade em Planaltina, Núcleo Bandeirante, Gama, Taguatinga,  
Ceilândia, Samambaia, Sobradinho, Brazlândia,  
Águas Claras, Cruzeiro, Guarás, Riacho Fundo,  
Recanto das Emas, São Sebastião, Santa Maria...  
Setores, siglas, matrizes, matérias, motores, métricas,  
Em torno entre tortos e transtornos a cidade está viva e se recicla...  
(TT Catalão. Brasília Cidade Cidadã.)

### **Segundo a autora Kênia Kemp**

“podemos entender a identidade de um sujeito como multifacetada e relacional a qual se constitui inicialmente de condições históricas e culturais que lhe são dadas e das quais não as escolhem, pois ao nascer se deparam com um grupo familiar e social em pleno funcionamento, com sua língua, regras, hábitos e tradições”<sup>47</sup>.

Portanto discutir identidades é levar em conta a influência cultural do indivíduo, seu ambiente social e suas experiências, mesmo que rotineiras. A autora vai chamar esses fatores de “processos de identificação” aonde o cotidiano vai nos proporcionar demandas de escolhas, posturas, valores e condutas no qual a igualdade e diferença vão construir as identidades. Caberá a cultura, então, neste emaranhado de comportamentos dar os referenciais aos atores sociais para desempenhar seus papéis.

Quando pensamos no sujeito como uma essência, algo acabado e estático nos fecha a possibilidade de perceber as várias identidades que cada situação social nos permite participar. Isto nos faz aproximar de elementos da Antropologia, a qual, enfatiza o incessante movimento de diálogos entre os símbolos, que fazem parte dos diferentes sujeitos. Sem esquecer dos elementos que interferem nesse processo como: a categoria de idade, a participação em grupos, o desempenho de papéis socialmente

reconhecidos. Fatores estes, responsáveis pelo reconhecimento dos indivíduos uns nos outros.

Para entendermos identidades primeiro precisamos reconhecer seus referenciais. Em Brasília vamos partir dos mesmos pressupostos para encontrar “os outros”, a negação, a fim de construir noções sobre elementos da identidade brasiliense. Pois somente a partir da diferença é que vamos chegar às identidades, no caso vamos trabalhar com os jovens da cidade-satélite. “Enquanto os indivíduos de um grupo dispõem de um único referencial cultural - o próprio - a questão da identidade não se coloca, pois não há parâmetros para dimensioná-la ou avaliá-la”<sup>48</sup>. Portanto para se analisar as identidades em Brasília vamos ter como referenciais os jovens da Ceilândia e suas percepções, assim então, partindo de suas “diferenças” poder afirmar uma das identidades brasilienses.

Construir identidades é dialogar com referenciais simbólicos que só são percebidas quando se deslocam de sua pretensa naturalidade. É necessária uma referência a partir da qual se pode comparar, Kemp vai dizer que trata-se de “identidade contrastiva” pois surge da oposição, implicando a afirmação do “nós diante dos outros”. É muito comum rirmos dos “outros” que nos parecem estranhos, exercendo suas identidades, reação esta, que reafirma condutas consideradas corretas, e, portanto naturais, dentro de nosso grupo.

No livro “Gangues, galeras, chegados e rappers. Juventude, Violência e Cidadania nas cidades da Periferia de Brasília”<sup>49</sup> foi realizada uma pesquisa na área das ciências sociais e vai ser de grande importância para o presente trabalho, pois é um referencial pra construirmos as identidades brasilienses, a partir do olhar do jovem da Ceilândia.

Em 1971, Ceilândia foi fundada como cidade satélite com o objetivo de regularizar a situação de famílias que haviam invadido áreas públicas. Inicialmente chamada de CEI, o que quer dizer, Centro de Erradicação de Invasões, tinha o objetivo de aglomerar todos que encontravam-se irregulares nas medições de Brasília. Encontra-se próxima às cidades de Taguatinga e Samambaia. Agregou a maior população do Distrito Federal à medida que foi absorvendo contingentes de outras áreas, expulsos pela valorização imobiliária. Fato que, desde já, criou uma representação social aos moradores do local, de invasores e conseqüentemente excluindo quem habitava a Ceilândia gerando desigualdades em relação à população do Plano Piloto.



Nesse sentido Santos<sup>50</sup> adverte para as profundas diferenças entre desigualdade e exclusão. Esta última trata de um processo histórico do qual uma cultura, por meio de um discurso de verdade, cria barreiras e rejeita. O sistema de desigualdade se dá paradoxalmente no caráter essencial da diferença, no qual, está estritamente ligado a relações de poder que confere ao estabelecimento de classes sociais permitindo uma percepção de identidades.

A Ceilândia vai ser mais uma das cidades-satélites de Brasília fora do cordão do Plano Piloto, onde as estruturas habitacionais vão ser diferentes e com o nível econômico mais baixo. Criam-se representações negativas sobre a periferia e automaticamente os seus moradores passam a ser estigmatizados. Estes fatores vão provocar um distanciamento entre os do Plano e os das cidades-satélites, que neste caso vamos tomar como exemplo a Ceilândia, para este trabalho.

O fato de Brasília (Plano Piloto) concentrar os campos administrativos com mais fácil acesso a bens materiais e as cidade-satélites se transformarem mais em cidades-dormitórios, os moradores dos últimos vão ter muito mais contato com os moradores e o cotidiano do Plano, o que vai provocar sentimento de diferença entre os dois, pois nem os brasilienses vão ter muito contato com o modo de viver das pessoas da satélite como tanto estes vão se sentir estranhos no espaço do outro. Segundo Kemp, os cenários sociais possibilitam o contato com a diferença a partir da qual dialogamos e criamos algum nível de identificação, construindo assim as identidades.

Este processo de afirmação de identidades vamos encontrar no livro Gangues, galeras, chegados e rappers, no qual jovens da periferia vão nos expor alguns fatores que os diferenciam dos jovens do Plano. “Observam-se diferenças culturais e raciais na medida em que grandes parcelas dos habitantes das cidades de periferia são constituídas por migrantes nordestinos e mestiços. O fato de morarem na periferia e ser negro piora ainda mais a discriminação como mostra no relato de um menino e uma menina:

“Eu tenho que me preocupar entre ser pobre e ser negro, tenho que me preocupar duplamente(...) eu sou discriminado duplamente”. “Moro na Ceilândia, então é pobre ainda preta”<sup>51</sup>. (Entrevista - Ceilândia, escola, gangues/galeras, masculino/feminino, 15/25 anos)

Isto faz com que as relações sociais tornem-se segmentadas a partir dos locais de moradia, impedindo que existam locais comuns de encontro das classes sociais, que

em geral não se misturam no dia-a-dia”<sup>52</sup>. É importante perceber que a diferenciação e a separação social são fenômenos característicos de todas as grandes cidades. “O grande problema do DF é a segregação que se expressa na impossibilidade de ver e conhecer “o outro”, aquele que não é igual, acarretando uma espécie de “redoma” e uma “cidades protegida”, onde os indivíduos não se cruzam. Segundo pesquisa realizada pela UNESCO em 1997, Brasília é considerada, pelos jovens residentes no Plano Piloto, como uma redoma, uma cidade protegida, que apaga o cotidiano da pobreza, o outro, o diferente, onde a organização espacial é considerada um fator de distanciamento entre as diferentes pessoas”<sup>53</sup>. Nesse confronto estão presentes elementos que interferem na construção das identidades como as relações de poder, a categoria de idade, a participação em grupos, o desempenho de papéis socialmente reconhecidos.

Estes jovens se sentem discriminados por várias razões: pelo fato de morarem na periferia, pela sua aparência e o seu vestuário, as dificuldades que isso impõe na busca de emprego e pela condição racial. Vamos perceber tais discriminações, no depoimento de um dos líderes de gangue de pichadores, morador da Samambaia, 18 anos: *...às vezes eles acham que você é ladrão. Às vezes, você chega num serviço e perguntam, aonde você mora? ‘Moro na Samambaia’, já inibe, já pensa que você é um malandro. Quando eu falei Samambaia o cara falou: ‘Volta depois’*

“Os jovens da periferia se sentem olhados e observados nos locais públicos do Plano, especialmente nos shoppings, como se trouxessem a marca da periferia estampada em seus rostos”<sup>54</sup>. Que marcas são estas? Dizem ser o modo de vestir, de andar, os gestos, a maneira de falar, a cor, a forma de interação com grupo de amigos. Esses são fatores de identificação, de distinção desses jovens. Assim “nos aproximamos e associamos a grupos que proporcionam referências, que fazem sentido em nosso universo simbólico”, daí o porque o estranhamento entre jovens do Plano e da Periferia. Possibilitando um jogo de identidade e diferença.

Em Brasília, podemos perceber esse elemento da diferença no início da construção através do depoimento do pioneiro Geraldo Vital que confere aos imigrantes vindos do nordeste aos trabalhadores da construção civil e comerciantes e os sulistas aos servidores públicos sugerindo uma relação de poder entre os dois grupos regionais: “os nordestinos e os nortistas vinham atrás de boas oportunidades de emprego, principalmente no comércio e na construção civil e os sulistas vinham com a transferência do governo”<sup>55</sup>.

Este contexto nos remete novamente às contradições do que foram as intenções humanistas para a cidade de Brasília e o que de fato aconteceu. Desde o início, marcava-se a condição inferior do candango em relação ao pioneiro. Depois a separação física entre os habitantes das cidades - satélites e os do Plano Piloto, existindo maior distância espacial entre os núcleos urbanos, com os grandes vazios de separação, tornando difícil o acesso e o trânsito entre eles reforçando-se como uma marca identitária muito forte de segregação social na cidade de Brasília e a falta de comunicação entre os diferentes grupos.

## **AS REPRESENTAÇÕES CRIADAS ANTES E DEPOIS DA CONSTRUÇÃO**

Brasília, capital, filha do urbanismo modernista da escola de Le Corbusier, idealizador francês, assusta os que a tocam-na pela primeira vez, pois diferente de outras cidades brasileiras, cuja arquitetura é a memória viva dos tempos coloniais que correm em nossas veias mestiças e os brasileiros do resto do país fazem parte.

No entanto, Brasília, tem uma memória curta e suas bases urbanísticas, sejam elas inspiradas num modelo estrangeiro, por ela corre o sangue nordestino de trabalhadores que foram para nova capital atrás de melhores oportunidades. Cria-se então, uma cidade cheia de representações. Migrantes fazem essa viagem, sobretudo, em busca de vantagens econômicas. Todos vão compartilhar de sentimentos da separação existente entre a cidade e o resto do país. Esta passagem firma a identidade de Brasília, como uma cidade de fronteira, um projeto de desenvolvimento, como um experimento utópico em urbanismo moderno, como um centro desgarrado de poder político, e finalmente como um Eldorado de oportunidades e expectativas<sup>56</sup>. No livro, “O candango na fundação de Brasília”, Varela memoriza através de repentes a situação de quem chegava somente com a esperança de uma vida melhor na nova capital do Brasil:

*...enquanto isto, chegavam  
carradas de pau-de-arara  
chegava toda semana  
gente para trabalhar  
serviço tinha pra tudo  
só não tinha onde morar<sup>57</sup>.*

No repente do Seu Varela, este nos apresenta, as condições em que vinham a maioria dos imigrantes para Brasília, todos dentro de um pau-de-arara, que era um caminhão que vinha cheio de gente e vinham segurando em um pau que dividia o caminhão, com maioria da região do Nordeste a procura de trabalho, pois nesse momento essa região era tomada pela seca e via na construção a oportunidade de suprir o emprego e a habitação que lhes faltavam neste momento. O pernambucano Eronildes Guerra de Queiroz relata um dos motivos que o fez vir para Brasília: “lá se tinha notícia que Brasília arrastava dinheiro com rodo”<sup>58</sup>. Através dos meios de

comunicações, campanhas de governos para atrair mão-de-obra, muitos como Varela e Eronildes virão para Brasília com expectativas de emprego e uma vida melhor.

Não só no discurso de Kubitschek como da população que aqui estava confirmava essa imagem de progresso, avanço e esperanças na qual se fixou como identidade em Brasília e se firmou ainda mais diante de outros estados brasileiros, a partir da diferença das expectativas, que não mais direcionava-se ao resto do país.

O depoimento de Lúcio Costa, no Relatório do Plano Piloto de Brasília, produzido pela Caixa Econômica Federal, explicita bem sua percepção após a construção da cidade, da qual, não constava em seus projetos. Durante a construção já vislumbrava os moradores de Brasília, ou seja, projetava uma identidade brasiliense que não foi a que imaginou, quando ao passar pela rodoviária, local que mencionava ser uma plataforma que une a metrópole da capital, a uma periferia. Aquelas pessoas que se encontravam na rodoviária eram justamente as que ajudaram na construção da capital mas que não moravam no plano piloto e sim na periferia. E diz neste documento que os verdadeiros brasilienses eram aqueles que ele via, naquele momento, na rodoviária esperando sua condução chegar “bebericando”.

Brasília, cidade de arquitetura arrojada faz com que brasileiros de outras regiões se sintam deslocados devido sua dessemelhança com outros estados. No livro, “Narrativo a Céu Aberto”, organizado por Cremilda Medina são selecionados alguns artigos sobre percepções sobre a cidade de Brasília feitas por mestrands e doutorands da Universidade de Brasília. No capítulo de título, “Baixo o céu, mar de Brasília” da autora Gabriela Balcázar Ramírez, jornalista, formada pela universidade Autônoma Metropolitana - Xochimilco(UAM-X), na Cidade do México e mestranda em comunicação na Universidade de Brasília relata uma percepção bem interessante, *“Estas ruas, estes eixos, estes blocos, este ensurdecido silêncio de Brasília já provocaram em mim sensação de vazio e solidão. Cheguei a pensar: Que cidade sem voz. Acontece que entrar, estar, viver em Brasília significa também viver de carro”* 59.

Neste discurso podemos perceber que a autora ao analisar certos comportamentos da cidade discorre sobre alguns elementos que influenciam no cotidiano e na identidade de Brasília e seus habitantes.

Pois é no decorrer do cotidiano que construirá as identidades e as representações. É a percepção do comum, daquilo que já se tornou habitual, mas sem o qual não viveríamos humanamente. Pode ser identificado como resultado de um

processo de socialização em que uma forma específica de interação que relaciona o indivíduo ao grupo ocorre, engendrando personalidades, capacidades e comportamentos que se misturam em disputa pela escolha dos traços identitários, forma-se uma marca que transforma o “espaço”(geográfico, variável de tempo) em “lugar” (simbólico)<sup>60</sup>. No jornal Correio Braziliense saiu um caderno especial sobre o aniversário de Brasília no qual entrevistam algumas personalidades que não moram em Brasília entre elas Luís Fernando Veríssimo explicita sua visão sobre a capital do Brasil bem relevante ao trabalho aqui desempenhado:

“Qualquer cidade é uma para quem tem que pegar o metrô para o trabalho todas as manhãs não é a Paris dos turistas, e o mesmo vale para Nova York, Buenos Aires... No caso de Brasília, essa dualidade se complica, e a distância entre o cotidiano do morador a expectativa e a percepção de quem vem de fora é maior. Porque Brasília, antes de qualquer outra coisa, é um símbolo. O visitante chega cheio de idéias preconcebidas sobre Brasília e - dependendo destas idéias - predispostos a gostar ou não. Nunca esquece do que ela simboliza. Já o brasileiro ocupado com o seu dia-a-dia não pensa nisso. Ninguém mora num símbolo”<sup>61</sup> .

O cotidiano e a rotina acabam se tornando para os brasilienses numa cidade como qualquer outra, sem lembrar diariamente que moram na capital previamente planejada como também seus simbolismos construídos a partir dela.

Segundo Rocha Júnior, é no cotidiano que construímos a nossa existência como percepção da identidade e da diferença que estabelecemos com o “outro”. É o exercício diário da afirmação e da negação A ordem do cotidiano faz parte da história como diz Agnes Heller “a vida cotidiana não está “fora” da história, mas no “centro” do acontecer histórico: é a verdadeira essência da substância social”<sup>62</sup>.

A forma que foi planejada com divisões em áreas residenciais, áreas comerciais foram setorizando não só o Plano Piloto como os indivíduos da cidade também. Cada Bairro (Asa Sul, Asa Norte) com seu cotidiano, suas marcas identitárias, onde seus moradores não vão ter um elo de ligação como uma praça onde ocorrem eventos, festas populares. Justamente devido a cidade ser construída sob um viés do modernismo europeu que ambicionava reafirmar e atender ao esforço progressista da civilização industrial e capitalista de caráter individualista. Intenções estas que vão entrar em contradição com anseios comunistas de Niemeyer que em depoimento no filme “A invenção de Brasília” vai dizer que a capital não se tornou o que eles imaginavam e sim com uma cidade como outra qualquer.

Essas são características que compõem Brasília, uma cidade de projeções modernas. Em outras cidades brasileiras o pedestre anda até a esquina de qualquer rua e com alguma segurança se aventura até o outro lado. De acordo com Holston, em Brasília como os balões e trevos substituem a esquina não havendo cruzamentos que distribuem os direitos de passagem entre o pedestre e o carro, o perigo se torna maior, pois não há uma distribuição de forças, desprestigiando o pedestre. Hoje já não podemos ser enfáticos ao afirmar isto, porque devido essa dificuldade foram construídas faixas de pedestre, afim, de facilitar a travessia de pedestres no Plano Piloto.

O fato de Brasília constituir-se de avenidas sempre retas, sem o encontro de uma rua com a outra, nos faz perceber uma clara ausência de esquinas, como podemos ver em cidades como Rio de Janeiro, São Paulo, Ouro Preto, que não foram previamente projetadas. Já no Plano Piloto são endereços extensos e sem identificação de nomes e números de rua.

O plano urbanístico criado para Brasília, modelo este inspirado na arquitetura moderna daquele momento, incorporou tendências ideológicas marcantes, como a ausência de ruas. O projeto substituiu a rua por vias expressas e becos residenciais; o pedestre pelo automóvel; e o sistema de espaços públicos que as ruas tradicionalmente estabelecem foi substituído pela visão de um urbanismo moderno. Sendo um dos objetivos urbanísticos da arquitetura moderna o de redefinir a função urbana de trânsito, eliminando o que ela chama de “rua corredor”, ou seja, ruas delineadas por fachadas contínuas de prédios.

Holston diz que, a arquitetura moderna ao criticar as cidades e a sociedade que o capitalismo criou, passou a defender a eliminação da rua como um pré-requisito para a organização urbana moderna. De um lado, encara a rua-corredor como um foco de doenças e de outro considera a rua um impedimento para o progresso, pois não é capaz de acomodar as necessidades da era da máquina. A via de nome monumental é um exemplo das exigências desta nova arquitetura sem ruas, sem esquinas e sem encontros.

A rua vai ser um aspecto muito importante na arquitetura moderna porque um dos seus objetivos é superar os âmbitos públicos e privados da vida social de uma sociedade. A rua representa o público onde ocorrem várias atividades o que incorpora o conceito do público em contraste com o privado. A rua-corredor constitui o contexto arquitetônico da vida pública, fora do âmbito doméstico.

Em Brasília, como não se pretendia este tipo de organização social, o ritmo da cidade desenvolvida vai provocar estranhamentos a pessoas vindas de outras cidades. Os migrantes não reclamam da ausência de aglomeração em si, mas sim da ausência da vida social que esperam encontrar nos espaços de uma cidade. Ao serem solicitados a comparar Brasília com suas cidades de origem comentam, qualquer que seja o tamanho destas últimas, uma diferença básica: “*Não tem gente na rua*”, “*falta gente*”, “*não tem movimento na rua*”, “*falta calor humano*”<sup>63</sup>.

Estas questões acabam se tornando uma marca identitária da cidade, pois os brasilienses só puderam perceber essas faltas porque comparam com “outras” cidades, devido os depoimentos serem do início dos anos oitenta, podemos chegar a afirmar que as marcas identitárias de uma cidade “sem calor humano” é característico desse momento.

Um dos objetivos dessa monografia é perceber as representações, após a construção de Brasília e como esta vai ser percebida através das letras de jovens, no início dos anos oitenta, já naturalizados brasilienses como é o caso da música da banda Legião Urbana, **Tédio com “T” bem grande** e a banda Plebe Rude com a música **Brasília**:

#### **Tédio com “T” bem grande**

*Legião Urbana - Renato Russo*

Moramos na cidade, também o presidente  
E todos vão fingindo viver decentemente  
Só que eu não pretendo ser tão decadente não

Tédio com um T bem grande pra você

Andar a pé na chuva, às vezes eu me amarro  
Não tenho gasolina, também não tenho carro  
Também não tenho nada de interessante pra fazer

Tédio com um T bem grande pra você

Se eu não faço nada fico satisfeito  
Eu durmo o dia inteiro e aí não é direito  
Porque quando escurece, só estou afim de aprontar

Tédio com um T bem grande pra você.

#### **Brasília**

*Plebe Rude*

#### **Capital da esperança**

(Brasília tem luz, Brasília tem carros)



Asas e eixos do Brasil  
 (Brasília tem mortes, tem até baratas)  
 Longe do mar, da poluição  
 (Brasília tem prédios, Brasília tem máquinas)  
 mas um fim que ninguém previu  
 (Árvores nos eixos a polícia montada)  
 (Brasília), Brasília  
 Brasília tem centros comerciais  
 Muitos porteiros e pessoas normais  
 (Muitos porteiros e pessoas normais)  
 As luzes iluminam os carros só passam  
 A morte traz vida e as baratas se arrastam  
 (Utopia na mente de alguns...)  
 Os prédios se habitam as máquinas param  
 As árvores enfeitam e a polícia controla  
 (Utopia na mente de alguns...)  
 Oh.. O concreto já rachou!  
 Brasília....  
 Brasília tem luz, Brasília tem carros  
 (Carros pretos nos colégios)  
 Brasília tem mortes, tem até baratas  
 (em tráfego linear)  
 Brasília tem prédios, Brasília tem máquinas  
 (Servidores Públicos ali)  
 Árvores nos eixos a polícia montada  
 (polindo chapas oficiais)  
 Brasília, (Brasília)  
 Brasília tem centros comerciais  
 Muitos porteiros e pessoas normais  
 (Muitos porteiros e pessoas normais)  
 As luzes iluminam os carros só passam  
 A morte traz vida e as baratas se arrastam  
 (Utopia na mente de alguns...)  
 Os prédios se habitam as máquinas param  
 As árvores enfeitam e a polícia controla  
 (Utopia na mente de alguns...)  
 Oh... O concreto já rachou! rachou! rachou! rachou!  
 Rachou! O concreto já rachou!  
 Brasília....  
 Brasília.... Brasília!

A música elaborada pelos jovens de Brasília nos remete a similares representações da cidade após a construção como as encontradas no livro de Holston. O título, *Tédio com T bem grande pra você*, faz um resumo do que o autor da música pretende dizer: que a cidade onde ele mora é monótona e se sente extremamente entediado com o ritmo da nova cidade. As duas músicas representam construções feitas a partir da sua realidade no período que marca o início dos anos oitenta. Representações que se tornam marcas identitárias das quais fazem parte do cotidiano de um grupo de pessoas. É a partir das representações da realidade que se criam no cotidiano é que se dão as construções das identidades.

Na outra música, da banda Plebe Rude, percebe-se uma visão negativa em

relação à Brasília, no qual contradiz a utopia de alguns e a realidade de uma cidade violenta vigiada por policiais. Descrevem-na e nos remetem aos símbolos e características peculiares a capital, como as asas e eixos, o tráfego linear, servidores públicos e árvores que enfeitam a cidade<sup>64</sup> mas que não a torna diferente das outras.

As representações feitas pelos jovens de Brasília através das músicas, são percebidos de forma negativa ao achar a cidade um tédio, pacata. Ao ler sobre Renato Russo, autor da música, desde sua infância vai ao Rio de Janeiro ao relatar seu ressentimento sobre Brasília têm como referência, “um outro” a cidade que gostava. Nas letras, os autores fazem representações sobre o momento em que vivem no qual se constrói uma identidade sobre Brasília. E vão ser estas que vamos perceber nestes grupos jovens durante os anos oitenta, após a construção, a identidade de uma cidade chata de se morar. Bandas estas que terão grande influência nas *tribos* jovens de Brasília e de uma forma ou de outra vão se identificar com as músicas.

Finalmente, é preciso considerar que a primeira geração de nativos já se tornou adulta. Estes são muito diferentes da geração que os gerou. Cresceram em um contexto urbano especial, foram de certa forma as cobaias de uma experiência fascinante. Muitos relatos registram as diferentes experiências vividas denotando um imaginário social e representações diferentes que vivem. O que faz assim criar identidades diferentes a cada geração e diferentes grupos que se formam em cada lugar da cidade diferenciando o modo de ver a realidade de acordo com espaço social vivenciado.

## CANDANGOS E PIONEIROS - UMA DISTINÇÃO HISTÓRICA

Em seu sentido etmológico candango quer dizer, “designação que os africanos davam aos portugueses - 1889. Designação dada aos operários das grandes obras da construção de Brasília. De origem africana, talvez do quimbundo.”<sup>65</sup>. Já pioneiros ao buscar a origem da palavra encontrou-se “*pioneer sapador*, o que faz trabalhos de sapa(enxada). Trabalhador assíduo. Explorador de sertões - o primeiro que descobre caminhos em regiões inexploradas. Os audaciosos, os que vão adiante - os primeiros da civilização”<sup>66</sup>.

Ao trazer estes conceitos ao período da construção de Brasília percebemos que àqueles denominados de candangos vão ser os operários, de origem humilde criando então neste momento um universo simbólico para a figura do migrante dessa categoria.

O autor Tamanini distingue em grupos diferentes e separados “homo sapiens” como detentores do intelectual e o faber como os operários. O primeiro concebeu e planejou em toda sua beleza e funcionalidade, superando o desafio de cria-la não a partir de condições naturais, mas do cruzamento de paralelos e meridianos. Já o segundo em sua condição inferiorizada de forma magistral é definido como o “operário braçal, um autêntico (e anônimo) HERÓI que se empenhou no trabalho com insuperável entusiasmo e comovedora dedicação, sob as mais adversas circunstâncias, não se importando com o desconforto da morada com o sol ou com a chuva, dobrando suas horas de atividade, varando noites e madrugadas, sacrificando-se, consciente de que não estava apenas juntando pedras e cimento mas lançando os alicerces de um novo tempo para as gerações que haveriam de vir, seus filhos e os filhos de seus filhos” <sup>67</sup>.

Logo depois, o autor acima citado vai salientar que foi nos canteiros de obras da nova capital, a palavra candango originou-se e se empregou pela primeira vez. Segundo Tamanini, “o certo é que seu uso rapidamente generalizou-se, de certa forma depreciativa aos trabalhadores mais humildes, aqueles que chegavam trajavam calças surradas de brim e trazendo seus caborjes no pescoço, chapéu velho na cabeça. Logo o uso se estendeu a todos os operários. Já então a palavra candango distinguia e honrava os que se haviam irmanado e solidarizado na árdua luta pela construção da cidade, homens que viviam e agiam como que tocados e iluminados pelo espírito de Brasília que rapidamente se criara e empolgara a todos”<sup>68</sup>.

Tamanini ao falar sobre o candango vai dar como exemplo a ilustração(em anexo) de um candango típico que conforme a figura é um homem humilde e do campo, com as feições cansadas e com um chapéu de bordas largas. Este vai representar o candango. Homens que vieram para Brasília e na sua maioria vão trabalhar de pedreiro, assistentes de obras, ou seja, profissões de trabalho braçal.

No universo “pioneiros” será construído um diferente campo simbólico ao do candango, a qual, através de análises dos cadernos semanais por nome PIONEIROS do jornal Correio Braziliense será possível perceber tal distinção, pois dentre vinte cadernos pesquisados são médicos, advogados, empresários e arquiteto, pessoas que vieram à Brasília. O título das reportagens é *Histórias de quem fez Brasília*. E na visão do jornal quem serão essas pessoas que fizeram Brasília? A maioria são pessoas que vieram no início de Brasília (os pioneiros) mas que são hoje bem sucedidas economicamente.

No significado do dicionário a figura deste é enaltecida como heróica, denominados de primeiros, corajosos e audaciosos. E no caderno especial do Correio vai ser retratado da mesma forma. É interessante ressaltar que as reportagens contidas nesta pesquisa retratam a posição ideológica do jornal, da qual, atende os interesses da elite política de Brasília e as fontes documentais utilizadas são somente as oficiais. Vamos observar e comparar através dos discursos dos ditos pioneiros, que o jornal os retrata, e os discursos de construtores civis do livro “Os construtores de Brasília” a realidade diferente para cada um. Será que Brasília vai ser a mesma para os candangos e pioneiros?

Será que a realidade dos candangos será àquela que o autor Tamanini coloca? Todos os candangos vão trabalhar em Brasília motivado pelo espírito de construção da nova capital? As referências do autor parecem um tanto um pouco oficiais. A autora Nair Bicalho<sup>69</sup> vai nos mostrar o momento da construção através do olhar do operário e seus discursos, a rapidez exigida para o dia da inauguração e as condições de miséria dos trabalhadores oriundos do interior, das quais, experimentavam a indústria da construção civil como porta de entrada para o mercado de trabalho urbano.

Para a Antônio, bombeiro:

“Ah, todo mundo gosta, tinha esta ilusão de vim. Aí eu animei também e vim. Achava que era mais fácil pra viver aqui do que lá. Um ano era escasso, outro ano era, né, tinha esse problema

de inverno, aí eu achava melhor vim ficar aqui.”

Para João, poceiro:

“É porque as coisas lá é difícil, né. Então, a gente procurou um meio de viver melhor. Então, a gente saiu pra procurá se arranjava um meio melhor pra vivê, mas até hoje vou morrê e num arrumo, não”.

Conta o operário Juracy sobre as condições de trabalho:

(...) Ontem mesmo eu tava conversando com uns colegas no pátio: os operário em Brasília sofre demais, as condições lá no alojamento, a situação precisava ser outra, né. Num vi nada organizado, num vi nada, tudo cheio de poeira, rato, barata e tudo quanto é coisa. Então sai daí, entra num pau-de-arara aí de carregar porco, né. E essa firma no lugar de botá caminhão, botasse um ônibus pros operários, mas bota um par de pau dentro do caminhão e o operário dentro. Eu falo com eles é má vontade.

Ao chegar em Brasília os objetivos de uns vão se misturar à utopia da cidade como foi para os pioneiros, mas para outros o lugar imaginado e esperado se transformou em frustrações e decepções iguais foram para muitos construtores civis, pessoas com nível econômico mais baixo, chamados de candango<sup>70</sup>. O caso de Seu Francisco Silva, pedreiro, de sessenta anos, paraibano, revela-nos bem essa situação: *(...) ficou elas por elas. A seca do Nordeste e a fantasia da Brasília está a mesma coisa. Para os poderosos cresceu bem, mas para a população de baixa renda está quase pior*<sup>71</sup>.

Esta situação de contradição entre os dois grupos, pioneiros e candangos, vai tornar-se uma marca identitária de Brasília, pois estes vão fazer parte do o início da construção como sendo os primeiros a chegarem na cidade.

Ao analisar o caderno Pioneiros percebemos as marcas identitárias como também os símbolos de Brasília constantes nas capas do mesmo<sup>72</sup>. Fizemos, então, uma análise iconográfica das imagens expostas no caderno. A metodologia adotada foi do historiador Wilson Vieira Júnior<sup>73</sup> sobre a observação de imagens e sua interpretação. Juntamente com mais dois historiadores podemos perceber vários aspectos das imagens na capa do caderno Pioneiros. Seleccionamos quinze cadernos e pudemos observar freqüentemente os símbolos marcantes e constantes da cidade de Brasília.

Primeiramente podemos observar elementos, o céu muito presente em todos

eles e de maneiras muito marcante, os símbolos de Brasília, os monumentos que a representam como a Catedral, o Congresso, o Palácio do Planalto, a Torre, a Esplanada dos Ministérios, o lago Paranoá e a linearidade da cidade. Podemos perceber também as marcas de urbanização da cidade. As luzes à noite, todas acesas dando um caráter de vida, movimento, clareza e beleza aos seus monumentos-símbolos. Identificamos entre o aspecto *urbem* da cidade, os carros, o tráfego em meio pessoas andando ao mesmo tempo com fotos que passam a calma de um entardecer e o céu de Brasília em todas suas plenitudes.

Numa proposta de análise da imagem mais específica pode-se encontrar a partir de todos os elementos observados e estabelecer uma interpretação histórica onde encontraremos toda representação de Brasília como uma cidade que difere de outras do Brasil. O caderno Pioneiro transmite uma imagem de uma cidade diferente de outras com o horizonte sempre presente onde o céu representa o mar para as pessoas da cidade. De caráter modernista com prédios onde pessoas convivem e de arquitetura bem nítida, uma cidade iluminada tanto de dia como a noite fazendo-se muito presente o elemento da luz o que faz ser um elemento cotidiano em Brasília.

Oriundos de diferentes regiões, os habitantes não deixam de tentar transplantar os costumes e rituais de suas origens. Esta preocupação transforma a cidade em uma espécie de síntese do país. Tal síntese não deixa de corresponder a utopia de Juscelino Kubistchek de construir uma capital capaz de ser um forte fator de integração nacional e identidade cultural dos brasilienses.

## CONCLUSÃO

Podemos observar neste trabalho, através dos conceitos de identidades e representações, as mudanças de construções feitas a partir da realidade vivida pelos imigrantes representados nas figuras dos pioneiros e candangos e posteriormente com os jovens nascidos em Brasília. Representações anteriormente feitas pela maioria de forma otimista em relação a cidade que vinha a ser a futura capital do país, da qual reunia pessoas de todos os estados brasileiros dando um sentido de integração e união nacional e conseqüentemente de esperanças de um novo Brasil a ser erguido naquele momento pelas mãos desses homens que ali estavam. Ao perceber essas mudanças de representações em relação aos candangos e pioneiros percebemos a identidade não fixa pois permanecem em constante mudança até hoje.

Ao seguir na pesquisa percebemos que este sentimento foi embalado de estímulos por parte dos governantes para atrair mão-de-obra para construção da nova capital em quatro anos impreterivelmente. Com isto também os anseios de projeto de Lúcio Costa e Oscar Niemeyer em transformar a nova capital em uma nova forma de convívio social entre as diferentes classes, o que se tornará uma contradição ao dividir o plano piloto e as cidades satélites, na qual vai localizar inicialmente a população mais humilde da cidade. Local chamado de cidades-satélites mas que se configurará como a periferia distante do Plano Piloto, área urbana que simbolizará o local de pessoas de condições mais elevadas. As classes sociais neste ambiente se constroem diferentemente, concorrentes por disputarem espaços, interesses e discursos que denotam campos simbólicos diferentes.

Assim, o Plano Piloto é visto como lugar “ideal” no imaginário do brasiliense. Em contrapartida, as outras cidades (a periferia) são tidas como lugares “problema”, “satélite”, “dormitório”, etc... Portanto, as disputas entre as representações da cidade e das identidades não conseguem superar as hierarquias da sociedade brasileira, mantendo assim, as desigualdades sociais em uma cidade que antes mesmo de ser construída teve propostas humanistas, mas que carregam a herança de um processo histórico segregador brasileiro juntamente com os primeiros que vieram e trouxeram esta carga histórica para nova capital do país, Brasília.